



Subjetividade e autogestão no consumo de substâncias: as cenas jovens do *ecstasy* no Rio de Janeiro

Maria Isabel Mendes de Almeida
Fernanda Eugenio

O cenário atual das culturas jovens dos setores médios urbanos de nossa sociedade e sua associação com o consumo de substâncias sintéticas em festas de música eletrônica vem se convertendo em relevante foco de observação para o acompanhamento de mudanças significativas no plano da subjetividade, das formas de organização da sociabilidade e seus regimes de administração dos afetos, das emoções e das visões de mundo aí compreendidas. Seguindo as pegadas (o fio) de um espírito de época mais abrangente que se faz acompanhar pelo deslocamento, pela imprecisão e pela mobilidade permanentes de valores, crenças e sentidos de verdade, tal cenário vem depositando sobre o sujeito a necessidade de tomada de decisões, formulações de escolhas, e construções de traçados sobre seus destinos.¹ Esta vem se configurando, portanto, como uma realidade de transformações vertiginosas que tem como característica central a exigência de um esforço de reflexão teórica simultâneo à emergência e

¹ Destacamos aqui, por exemplo, o trabalho de Le Breton, *L'adieu au corps* (1999) onde a referência à produção pessoal das identidades na contemporaneidade conecta-se a modalidades de bricolagem culturais onde as influências sociais exaltam predominantemente a importância do ar dos tempos em detrimento das regularidades mais profundas e duráveis. Bezerra (2002) em seu diagnóstico de época ressalta a dimensão de sobrecarga da decisão individual na sociedade contemporânea no que diz respeito à ideologia, identidade, aparência, padrão moral de conduta. Tal condição diz respeito ao esvaziamento do poder normativo e ao questionamento da legitimidade de antigas referências à tradição, classe, família, cultura local etc.

ao impacto cruciais de tais transformações. Considerando, então, a natureza ensaística e “laboratorial” deste arriscado desafio, optamos por estabelecer no âmbito desta reflexão um recorte analítico em torno de um segmento jovem de frequentadores de *raves*, clubes, festas e festivais de música eletrônica. Tal opção de lazer e de modalidades de sociabilidade e agregação entre jovens vem se configurando como importantes índices de transformação das relações entre tempo e espaço, assim como daquelas entre formações subjetivas e suas articulações com novas acepções relativas aos usos e significados do corpo.

Além desses aspectos, chama atenção nos dias de hoje a significativa representatividade numérica dos jovens participantes dessas festas de música eletrônica. Algo em torno de 45.000 jovens estiveram presentes, por exemplo, na quinta edição do Festival Skol Beats de música eletrônica, realizado em São Paulo em abril de 2004. Além de eventos como este, temos igualmente podido acompanhar números maciços de jovens cuja afluência às *raves* tem sido em média de duas a três mil pessoas.

A pesquisa que vem sendo realizada ao longo dos dois últimos anos inclui uma amostra de jovens de classe média do Rio de Janeiro, cuja idade varia em torno do que se convencionou chamar dos “twenties something”. Ou seja, uma escala etária inscrita em um certo padrão de autodefinição que trafega em torno de imprecisões estatísticas traçadas entre a faixa que vai dos vinte aos trinta anos. A formatação de valores, padrões de conduta, estilos de vida e opções existenciais do grupo em questão estarão aqui subsumidos pelo universo mais amplo de suas adesões a um *ethos* jovem que opera como uma espécie de frouxo amálgama.

Trata-se aqui de jovens *tranceiros* – cuja eleição preferencial de lazer e consumo vem se construindo em torno da música *trance* e de uma “retomada” atualizada da estética *hippie* –, e daqueles que se auto-definem como *modernos* – cuja marca identitária procura distinguir-se de um repertório de atitudes geralmente classificada como “*mainstream*”. *Tranceiros* e *modernos* diferenciam-se quanto às formas de apresentação de si, mas não no que se refere às modalidades de gerenciamento subjetivo frente às experiências e a dinâmica com o universo das substâncias sintéticas. Os primeiros, agentes atualizadores de uma estética neo-hippie deixam-se reger por um discurso de simplicidade e despojamento, assim como pelo conforto, pela descontração e pelo amplo uso de cores vivas. Entre essas, destacam-se as chamadas flúor, cores ácidas como o verde e o abóbora cujo efeito sobre a luz negra – indispensável ao “*environment*” *rave* –, promove o impacto fluorescente essencial nessas ocasiões. É notória sua identificação com uma visão de mundo lúdica e holista, coadunada à sua predileção pelos

festivais afastados dos centros urbanos e sua articulação com a referência musical do trance. A ênfase atribuída à funcionalidade do traje também salta aos olhos na configuração da estética *trance*. Acessórios tais como bermudas, calças ou mesmo saias curtas, que além de muito confortáveis, devem dispor de vários bolsos e recursos práticos como as cartucheiras usadas pelas meninas, espécie de pochete com dois grandes “porta-trecos” laterais, cheios de subdivisões. A todos esses acessórios somam-se pequenas mochilas capazes de guardar maços de cigarros, carteiras, celulares, chaves, biquínis e sungas, além das garrafinhas de água. Essas últimas inscrevem-se como produto imprescindível para se ter em contextos onde se verifica o consumo maciço de substâncias sintéticas como o *ecstasy*. Acima de tudo, é importante que o corpo seja capaz, a um só tempo, de servir como suporte de instrumentos e acessórios indispensáveis à fruição da festa e que ele se converta em instância limite de um bem-estar a ser alcançado.

O *setting* dominante nesses espaços é a própria natureza em si, espaços a céu aberto, grandes áreas livres, geralmente afastadas dos centros urbanos e “adornadas” pela presença de mar, cachoeiras, rios, lagos, montanhas, trilhas de terra etc. Grande parte das festas ou festivais realizam-se preferencialmente nesses ambientes e prolongam-se por mais de 24 horas, exigindo, de seus freqüentadores uma distribuição ágil e calculada do tempo, com seus ritmos e seqüências atravessados por minuciosas contabilidades.

Os modernos, por sua vez, protagonizam uma modalidade de inserção na “cena” da música eletrônica que é fundamentalmente urbana, estribada, como se diz na linguagem nativa, na “montação dos corpos”. Ou seja, na conjugação estratégica, por exemplo, de roupas de brechó com meias arrastão no caso das meninas, corpetes e saias plissadas, toques de maquiagem que vez por outra se associam a um visual andrógino permeado por tecidos sintéticos, acessórios metálicos, munhequeiras de couro, *piercings* e tatuagens. A opção pela cor preta é praticamente unânime no universo dos modernos. Ela veste corpos que se destacam pela brancura, pela impressão anoréxica e pela palidez. Um certo *glamour* decadente enfeixa essa apresentação de si e desdobra seus efeitos em torno de um estilo que muitas vezes confunde-se com uma atmosfera aparentemente soturna, que recorre ironicamente a uma estética da agressividade. Apesar desta conotação é importante assinalar que esta estética parece estar sempre sintônica e adequada à exibição e ao trabalho dos músculos, embora isto não seja explicitamente valorizado. Entre os rapazes o visual é mais homogêneo, camisetas, calças jeans “grifadas” e tênis de marcas como Adidas e Puma articulam-se a formas planejadamente desgrenhadas de ostentar a cabeleira. Muitos entre os

rapazes modernos investem em cortes de cabelos descontínuos, irregulares, que convivem sem conflito com mechas espalhadas pelo couro cabeludo. A preferência musical desses grupos recai sobre os gêneros eletrônicos do *techno* e do que vem se convencendo chamar de *electro* e *electroclash*, referência que ultrapassa a dimensão estritamente musical, impondo-se como uma atitude. Atitude *electro*: aquela que além de evocar traços do mundo *punk*, investe na postura agressiva, diferindo-se nitidamente do *trance*, cuja identificação musical é mais próxima dos segmentos *new age*.

Os clubes e festas de música eletrônica, em sua maioria situados na zona sul do Rio de Janeiro, inscrevem-se como o *setting* dominante de diversão dos modernos. Existem variações e múltiplas combinatórias estéticas neste circuito substâncias-cenas, onde a fiscalização e o escrutínio dos olhares convergem para uma espécie de filtragem da adequação das pessoas ao ambiente. Corpos se ajustam à decoração do ambiente e se distribuem entre velas espalhadas pelo chão, bancos de madeira importados de Bali, bares brancos e cromados, atravessados pelo jogo de luzes coloridas na pista e pela imprevisibilidade das batidas eletrônicas.

A perseguição do bem-estar como estética da existência

Referimo-nos mais acima às linhas de confluência que podem ser traçadas entre esses dois grupos, aparentemente tão díspares em suas arquiteturas visuais e estéticas. Tais linhas assentam-se sobre as modalidades de gerenciamento de si e de seus corpos na interação dos sujeitos com o universo das substâncias sintéticas. A radiografia deste gerenciamento pressupõe, em primeiro lugar, uma discussão atenta sobre as noções de competência, eficiência, pragmatismo e vigilância sobre corpos, espaços e sujeitos. Paralelamente a esta gestão, não se pode deixar de assinalar a inserção precisa da noção de bem-estar na economia interna dos sujeitos envolvidos.

A fim de que se possa demonstrar o novo registro e a inserção particular assumida por esta noção no contexto estudado, devemos ter em mente certas discontinuidades históricas verificadas relativamente à década de 60 e aos movimentos contraculturais a ela associados. Não pretendemos aqui aprofundar a visão de mundo e os estilos de vida das gerações emblemizadas pelo movimento *hippie* e suas cruciais implicações no repertório cultural da época. Para nossos fins, cumpre destacar o registro preciso assumido nos anos 60 pela idéia do uso e do consumo da droga enquanto efetivamente droga – tratava-se de um ato de rebeldia que se servia da (e não rompia com a) lógica moral vigente da dicotomia legal/ilegal e veneno/remédio, tal como formulada pelos discursos jurídicos e biomédicos. Em

contrapartida, o que hoje observamos é o recurso àquilo que seria considerado como droga desalojado de seu caráter estigmatizante – uma vez que também seu uso não mais é encarado como suporte para a bandeira da rebeldia. Daí optarmos pela referência generalizada ao termo substâncias, já que nossos informantes não submetem o que consomem àquele filtro moral discriminador, procedendo a uma diferenciação das substâncias a partir de um critério de adequação espacial. Isto significa dizer que são ocasiões, espaços e contextos – cada qual solicitando o incremento fornecido por um tipo de substância – que investem de sentido aquilo que é consumido. Às *raves*, o *ecstasy*; à conversa de botequim, o *chopp*. Assim, sob o registro mais abrangente da noção de substâncias, estão compreendidos não somente os itens que seriam classificados como drogas ilegais, mas igualmente os anabolizantes, os emagrecedores, as *smart drugs*, e até mesmo as barras de cereais, as vitaminas e as bebidas alcoólicas em geral. Em uma palavra, o amplo universo de substâncias disponíveis para a sensibilização e a incrementação dos corpos.

Ao lançarmos mão desta referência comparativa com a década de 60, nossa intenção é apenas problematizar as formações subjetivas aí compreendidas *vis-a-vis* aos achados de nossa pesquisa naquilo que se refere à dinâmica relacional dos sujeitos com as substâncias e com seus corpos. Um dos mecanismos centrais que orienta as motivações em jogo no consumo contemporâneo de substâncias é o do *acesso* e não o do *escape* da realidade circundante. Sob a regência da presença, o *ecstasy* é encarado como portal para um adensamento do estar, e não para uma fuga.

“Você não perde a sua consciência, você está ali o tempo inteiro. O seu super-ego não sai dali. É um bem-estar potencializado. É tudo misturado, na verdade. Estar fritando, derretendo. Quando você está dançando, você absorve a música. É uma doideira.” André, 24 anos

“Nada me faz cair, nada me faz perder o controle. Eu tenho um senso de responsabilidade muito forte. Até passando mal, alucinada... É uma fuga controlada, entendeu? Não é uma coisa assim, ‘vou tomar e foda-se’ Não é uma coisa que te deixe fora da realidade. Você quer naquele momento esquecer seus problemas e se divertir, mas você sabe que no dia seguinte você vai ter aula, vai trabalhar, vai dormir e acordar e fazer o que tem que fazer.” Mariana, 21 anos

Os depoimentos acima – que resumem uma espécie de “bula comportamental” sobre a boa administração do consumo do *ecstasy* – reúnem um conjunto significativo de elementos que apontam para as particularidades das novas articulações estabelecidas entre substâncias e bem-estar. Tais associações vêm encontrando variantes significativas de sua pertinência no

mundo farmacológico dos psicotrópicos como formas de modelização do comportamento e do humor, deslocadas de sua acepção patológica (LE BRETON, 1999).

Afastada de sua tradicional conotação marginal e transgressora, a “alegria sintética” resultante do consumo da substância aparece aqui traduzida enquanto potencialização máxima da presença, do acesso e da conquista do bem-estar. O parentesco do mundo da droga com a ilegalidade, assim como com a idéia de evasão e escape, parece perder sua significação norteadora para os sujeitos em questão. A regência apriorística da obtenção do bem-estar e do vinco imprescindível da “presença” afastam da “cena” as interferências poluidoras e sujas associadas ao universo das drogas, assim como se distanciam das idéias de aviltamento do corpo e da própria dimensão da dor.

“Eu cheirava cocaína e parei. Primeiro porque meu namorado não curte, por respeito e tal, e depois porque , sei lá, eu gosto muito do ecstasy , então eu acho que eu achei uma droga legal, que me faz bem, que me deixa bem...”

A asseptização da droga e sua vinculação a um eixo de atitudes pragmáticas e calculadas na busca contínua do bem-estar e do cuidado de si obriga-nos a estabelecer uma rigorosa contrapartida com as paradigmáticas viagens lisérgicas das décadas de 60 e 70. Essas últimas podem aqui ser identificadas pela valorização dos critérios intensivos de produção de corpos “onde o vigor do instante de vida se impõe sobre a duração da vida em extensão” (VIANA VARGAS, 1998: 131). É possível, portanto, identificar na travessia da viagem lisérgica uma espécie de desbalanceamento entre transcendência (vertigem) e cálculo ou acesso ao real. Isto significa dizer que o equilíbrio entre intensividade e extensão rompia-se em favor da primeira como peça-chave de viabilização da evasão e do escape.² É possível, ainda, acrescentar que essas configurações subjetivas aliavam-se a aspectos cujo regime de funcionamento encontrava-se mais próximo da “eternidade do instante” (MAFFESOLI, 1996) e da aposta no curto prazo, além de fazerem parte de um *ethos* psicológico baseado na ênfase sobre a introspecção, sobre os solitarismos e sobre o recuo do mundo. Tanto a dor como o aviltamento do corpo não se caracterizavam como variáveis importantes de serem controladas nesta modalidade de agenciamento de si. Acima de tudo, tratava-se nas décadas de 60 e 70 da soberania do escape da realidade e da perda de si, atuando em contraponto ao conjunto de profilaxias e avaliações extensivas sobre a duração da vida.

² O privilegiamento de um desses pólos deve ser entendido no âmbito da tradicional relação entre o dispositivo de sensibilidade e o dispositivo da sexualidade, que caracterizam as culturas ocidentais modernas (Dias Duarte, 1999).

Este cenário, cujo aprofundamento torna-se impossível nos limites deste artigo, sofre um sensível processo de resignificação no âmbito das abordagens contemporâneas das drogas sintéticas, onde a instalação da condição da “hiper-presença”, do “estar ali como nunca se esteve”, confere a medida desta especificidade.

Acompanhando, portanto, o nosso espírito de época para o qual “estar melhor do que bem” (BEZERRA JR., 2001) é a tônica, nossos informantes controlam e alternam com particular maestria uma vida de extensão com momentos e intervalos de intensidade (VIANA VARGAS, 1998). A radiografia deste bem estar encontra eixos de conexão com os processos contemporâneos da “gestão farmacológica da existência”, cuja intolerância frente às asperezas da vida é, a cada dia, mais significativa e inquietante (LE BRETON, 1999).

Uma entrega calculada e pontuada de cuidados que dosam e monitoram a intensidade, equilibrando os tênues limites e contornos da “consciência” e de seu ajuste ao contexto. É o que evidencia o depoimento de Laura, 23 anos:

“Mas não perco a consciência de maneira alguma, também. Perder, eu não perco. Eu estou sabendo tudo que eu estou fazendo, agora, eu só tenho mais liberdade para fazer. Eu me sinto mais a vontade para chegar nas pessoas e conversar, para abrir um sorriso para uma pessoa que eu nunca vi na minha vida. Mas eu sei o que eu estou fazendo. Se eu quero beber água, se eu quero ir ao banheiro, se eu quero falar com você. Sei muito bem quem está do meu lado, eu não perco a consciência. Não saio do meu estado. “

A associação entre drogas e bem-estar verifica-se no consumo convertido em acesso e portal da presentificação da experiência. Algo como a obtenção de uma “transcendência materializada”, dissociada de significados, valores ou ideologias, parece estar em jogo aqui. “Introspecção?”, nos interroga Laura, 23 anos, espantada. “De maneira alguma. Você fica exposto, você precisa falar, você fica para fora. Você precisa se comunicar. Você precisa chegar nas pessoas, você precisa falar, tocar”.

A entrada no “portal-substância” atua como uma espécie de *double bind* (BATESON, 1985) para os sujeitos, uma vez que o “estar lá” não cancela o “estar aqui”, só torna este último um tanto diluído e sem importância. Se o “aqui” está desanimado, o banheiro sujo, a festa vazia, o dj equivocado, a lama (no caso das *raves*) se espalhando pela pista – tudo isto se converterá em mero “apesar”, diante de um universo paralelo muito divertido, acessado através do prosaico contrato de um asséptico e portátil comprimido: uma alegre sintética, tão *fake* quanto excepcionalmente maravilhosa.

“A bala é muito funcional, você toma e não precisa mais fazer nada, é só aproveitar. Você não precisa preparar uma carreira, você não precisa fazer nada...” Roberto, 28 anos

A economia interna de Mariana, 21 anos, é exemplar a respeito da administração dos humores na interação com as substâncias. Ela nos permite acompanhar uma espécie de contabilização pragmática e de delicado equilíbrio dos efeitos do *ecstasy* sobre sua agenda de compromissos e sua rotina com a mãe:

“As pessoas ficam assim: ‘vamos tomar mais, vamos tomar mais.’ Não, eu não vou tomar porque eu sei que daqui a pouco eu tenho que sair, porque marquei com minha mãe de chegar em casa às oito horas, então tenho que chegar as oito. Eu ligo: ‘Mãe, estou aqui e vou demorar mais quinze minutos, mas está tudo bem’. Com três balas na cabeça: ‘Mãe, blá, blá, blá, te amo! Tchau!’”

Esta fina e minuciosa *expertise*, cuja matriz assenta-se sobre o primado indivisível da competência e do espírito pragmático, desatrela-se dos referentes disciplinares, herdeiros da instância do bio-poder clássico (FOUCAULT, 1999). Referimo-nos aqui a formações subjetivas articuladas a princípios outros de controle, que inserem a ingestão das substâncias nos rituais de administração corporal, passando a exigir do consumidor todo um material cuidado de si assentado na perseguição do bem-estar.

A montagem do corpo perito

Compreender a experiência subjetiva envolvida no consumo jovem de substâncias sintéticas como o *ecstasy* envolve compreender o tipo de trabalho sobre si acionado por estes jovens para gerenciar corpos, estocar memórias e forjar discursos. Falamos de uma experiência subjetiva encarnada e coletivizada, que se organiza como volátil fluxo, acionando o corpo ao mesmo tempo como “protagonista e emblema do self” (LE BRETON, 1999). Entretanto, afirmar que o corpo tem se convertido simultaneamente em agente e paciente do “cuidado de si” contemporâneo, na fomentação do que Ortega (2003) chamou de bioidentidade, não quer dizer que este novo sujeito, entregue a um “esforço contínuo de exteriorização” (LE BRETON, 1999) possa prescindir do cultivo da interioridade e do trabalho sobre si. Estes movimentos, porém, não mais se dissociam de uma experiência encarnada; não mais se considera que o caminho do cultivo implica em um continuado esforço de decantação, de superação e alheamento em relação às dimensões corporais do

vivido. Implodindo dualismos já gastos, a forma de estar no mundo dos jovens que buscamos compreender aponta para um gerenciamento de si que muito se aproxima do que Ingold (2000) descreve como o processo de aquisição de *skills*. Situacional e completamente “embebido em ação”, o aprendizado das *skills* é um trajeto idiossincrático de acúmulo de saber no corpo e de desenvolvimento de um estado de ininterrupta *atenção* ou *alerta* do corpo sobre si próprio, que longe de converter o praticante experiente em um autômato, permite-lhe “estar mais ali do que jamais estive”.

Assim, poderíamos dizer que toda uma encarnada *bildung* precisa ser desenvolvida pelo jovem consumidor de *ecstasy* a fim de que este possa alçar-se da condição de novato que não sabe administrar-se e precisa da orientação dos amigos à de hábil perito de si mesmo. A poética a se operar, aqui, traduz-se na composição de um técnico que sabe fazer-se corpo auto-regulável, *atento* para que a experiência de entrega possa adequadamente deixar-se atravessar pelo cálculo e pelo pragmatismo que caracterizam nosso espírito de época.

É neste sentido que é possível compreender a sentença aparentemente contraditória de Alice, 27 anos, ao explicar como se comporta quando sob o efeito das “balas”: “Quanto mais descontrolada eu fico, mais controlada eu fico”. O corpo, autor e objeto de todos os cuidados, converte-se em arena de um contínuo, fluído e amistoso duelo travado entre as demandas simultâneas da extensividade e da intensidade (VIANA VARGAS, 1998). Instado a entregar-se ao prazer e ao intenso e, ao mesmo tempo, a zelar pelos valores da ordem da extensão (a saúde, a longevidade, os estudos, a carreira profissional), o jovem consumidor destas substâncias sintéticas forja para si um equilíbrio movediço, e se mantém em uma espécie de platô (CF. BATESON, 1985) Idealmente, a experiência bem-sucedida envolve movimentar-se de modo a garantir que nem o cálculo excessivo impeça a fruição, e nem a entrega seja irrevogável. Afinal, como diz André, de 24 anos: “A diferença disso aqui pra Woodstock é que lá a galera partia pra uma viagem sem volta. Aqui não, maluco. Eu vou pra festa, tomo bala, mas no dia seguinte to lá engomadinho no trabalho”.

A expressão “se joga!”, que os amigos gritam uns para os outros nas festas de música eletrônica, dá a medida da focagem central que é depositada no corpo, simultaneamente protagonista e receptáculo das sensações *em jogo* ali. Um corpo flexível, volátil, atravessado pelo movimento e pela energia ao mesmo tempo densa e imaterial que faz “ferver” a pista. Falar em “jogação”, “jogado”, “me joguei muito”, tudo isso aponta para a dimensão de

vertigem que é buscada e sorvida pelos corpos em festa. Movimento de *arremesso de si*, a vertigem é uma ânsia que não se esgota: ninguém pretende que ela tenha um desfecho, que ela conduza a uma queda. Ao contrário, o objetivo de todos é uma espécie de *equilíbrio metaestável* (Cf. SIMONDON, 1995), continuamente estimulado, constante apenas na inconstância. Como se fosse possível estar sempre fervendo, mas nunca deixar-se evaporar. Como se fosse possível se jogar e não cair – brincadeira viável apenas porque é exercida sempre dentro dos contornos de um permanente estado de *alerta*.

O devido aproveitamento da festa-com-substâncias exige do freqüentador uma expertise em muitos níveis, e o trânsito em fluida atenção por todos eles denota o quão *skilled* é o sujeito. A coleção de saberes dos quais é preciso aprender a se servir é bastante ampla, dando conta do quão complexas, híbridas e múltiplas são as habilidades a se desenvolver. O primeiro passo, saber comprar/obter a substância, já exige que o sujeito esteja minimamente inserido em uma rede de amigos ou amigos de amigos dos quais pelo menos um figure como um contato “quente”, já que o *drugdealer* é um igual em se tratando de *ecstasy* – e isto por si só já aponta para uma relação que se pretende asséptica e segura com a substância, que não a associação ao vício, à marginalidade ou a qualquer outro tipo de degradação.

Também é preciso saber construir o *setting* adequado para o consumo, reunindo características que apontam para o bem-estar como um imperativo, algo com que já se deve contar de partida – afinal, não se toma a “bala” para ficar bem, mas sim para ficar “melhor do que bem” (BEZERRA JR, 2001). O corpo protagonista não admite limitações na ordem dos humores: estes sempre podem e devem ser potencializados através do incremento sensorial e da ampliação da superfície de contato com o mundo. Interessa, pois, cuidar da “ambiência”, o que envolve a escolha de um espaço onde tudo tenha sido pensado para estimular os sentidos aflorados, bem como a montagem cuidadosa de um grupo-célula apto a prover o sujeito, ao longo da festa, ao mesmo tempo de uma imaterial película de segurança e de uma alegria contagiante, que opere mimeticamente produzindo e sustentando a *vibe*.

“Acho que tudo que está a sua volta tem que te proporcionar bem-estar e segurança para a onda fluir bem. Por isso que é importante com quem você está, onde você está, se está tudo direitinho, saber que se alguém ali passar mal, vai ficar tudo bem.” André, 24 anos

“Você tem que estar com pessoas boas. Você vê uma pessoa dançando e você vê que aquela pessoa está bem, está feliz. É contagiante. Você vê e você pega a felicidade da pessoa, e você fica bem de ver a pessoa bem, é um lance engraçado. Se uma pista está

boa e está todo mundo vibrando bem, não tem como você não se contagiar.” Laura, 23 anos

“Mas com a bala eu acho que ela pede um clima assim, eu acho que a bala pede uma música eletrônica, pede esse clima e a festa pede uma bala. Para mim, uma festa sem uma bala não é uma festa.” Felipe, 25 anos

O primeiro movimento necessário para construir uma boa experiência com a substância, portanto, passa por uma expertise *social*: saber onde ir e em quê companhia. E isto porque, diferentemente de outras substâncias, como a cocaína ou a maconha, o *ecstasy* é uma experiência pensada como *necessariamente coletiva*, compartilhada com um grupo, além de exigir um espaço específico para seu consumo. A preferência do consumidor poderá recair nos espaços abertos das *raves* ou nos fechados dos clubes, no *trance* ou no *tecno/electro*, mas em ambos os casos o consumo se inserirá irrevogavelmente dentro da geografia da noite, da *balada*. A substância por si só não proporciona a experiência perseguida; esta é um fenômeno resultante da combinatória substância+cena.

Portanto, o básico, em termos de *skill* social, é saber se inserir no contexto adequado para o consumo – o que inclui espaço, música e pessoas. E estes dois últimos quesitos implicam em compreender e incorporar uma estética específica: por um lado, todo um processo de alfabetização musical que permitirá distinguir e eleger preferências entre os diversos estilos de música eletrônica; por outro lado, um figurino que combine “beleza grifada” com o conforto e a praticidade do corpo portátil.

O passo seguinte será o desenvolvimento paulatino de um saber híbrido, biomatemático, acerca da relação entre a química da substância e a química do corpo. Trata-se de saber determinar o momento certo para ingerir o comprimido, a fim de garantir que o auge da festa coincida com o auge da “onda”. Este momento precisa ser calculado levando em conta unidades temporais variáveis de corpo para corpo, e aí se revela toda uma ciência concreta ocupada em conhecer as reações físicas, dominá-las e prevê-las: o tempo que a substância demorará para começar a agir, a duração do pico da “onda”, o tempo que levará para a onda “baixar”. Afinal, como explica Camila, 20 anos: “A onda perfeita é aquela que dura o tempo exato da festa”. O efeito da substância é pensado como delicado produto de uma relação entre um corpo idiossincrático cujo funcionamento é preciso aprender a mapear, um *setting* mutante e a composição química variável das “balas”. Cada um de nossos entrevistados tinha algo diferente a dizer quando perguntávamos acerca de qual era a dosagem ideal para si – um comprimido, meio, um e meio, dois, três... etc – bem como acerca da

distribuição desse consumo no tempo – duas metades com intervalo de algumas horas; *double drop* (dois comprimidos ingeridos de uma só vez); um comprimido inteiro e mais meio depois de algumas horas, ou mais outro inteiro; a metade adicional oferecida por alguém triturada e cheirada em comum com os amigos; a combinação do *ecstasy* com outras substâncias, maconha sendo a mais freqüente, mas também com o lança-perfume etc.

“Tem um certo planejamento. Mais ou menos as pessoas sabem a hora em que querem tomar. Dependendo de até que horas vai o lugar, tipo, eu numa rave eu tomaria uma bala às três e meia, digamos. Iria bater umas quatro e meia, depois às sete eu ia tomar outra e isso ia ficar até de manhã. Mas isso numa rave. Pra você tomar umas três horas da manhã no Dama, vai bater quatro e meia e daqui a pouco já acabou.” Vinícius, 20 anos

“Eu tomo sempre meia. É a minha dose. O Vinícius toma duas, três, mas ele tem quase dois metros. Eu sou pequena. Só tomo inteira se a bala for fraca. Agora, se for pancada, tomo meia. Se eu não souber, aí eu tomo meia primeiro e, se for o caso, mais meia.” Flávia, 26 anos

“É bem melhor tomar inteira porque você sente logo a onda assim: ‘pá!’” Camila, 20 anos

“A primeira liberação é que é a boa. Por isso que tomar duas não adianta tanto. Por isso que é melhor o double drop, você toma logo duas de uma vez. É muito bom! Imagina a onda ao quadrado.” André, 24 anos

“Mas assim, eu não vou tomar um, vou tomar logo dois. Um não bate! Vou tomar uma droga para ter uma experiência, vou estragar meu corpo para não sentir nada? Se é para tomar, toma direito.” Mariana, 21 anos

Aceder a esta espécie de perícia acerca das respostas do corpo ao estímulo oferecido é algo a ser aprendido através de um estocástico processo de tentativa e erro, que muito se aproxima do que Bateson (1985) chamou de *learning II* – aprender a mover-se em contextos mutantes, adequando o conhecimento adquirido a qualquer situação que se apresente, redimensionando a cada instante a materialidade do vivido. Matemática concreta, física dos corpos, discurso biomédico como valor. A substância é pensada como mais uma das cápsulas de felicidade disponíveis no mercado para uma contínua operacionalização do bem-estar. O uso é regulado pelo pragmatismo, daí a dosagem ‘ideal’, além de ser determinada por um atento e encarnado conhecimento, obedecer também a uma lógica calculada acerca da reação física ao *day after*. Isto responde em parte pelo caráter volante da cena, que faz com que a “cara” das festas e clubes mude conforme o dia da semana: ela pode se dar com diferentes níveis de intensidade e mesmo com um quê de improvisado ocasionalmente. Alguém pode estar

disposto a ingerir apenas meia bala em uma quinta-feira, já que o dia seguinte será de trabalho, e três em um sábado, já que terá o domingo inteiro para recuperar o cansaço de um corpo que pulou por horas e horas, turbinado por uma ‘alegria de laboratório’.

“Na época mais louca da minha vida, quando eu tomava mais, eu sempre fui muito controlada. Então, eu tomava e todo mundo ficava: ‘Vamos tomar mais um, vamos tomar mais um?’ Eu podia ficar na rave por horas ainda, mas eu falava: ‘Não!’ Porque na minha cabeça eu sei que se eu tomar mais eu vou ficar mais cansada amanhã, e quarta-feira eu tenho uma prova.” Mariana, 21 anos

Entre tomar o comprimido e a onda “bater”, porém, há um intervalo de tempo carregado de expectativa, sobre a qual também deve incidir um cálculo e uma autogestão. A *skill* em jogo aqui pode ser bem sintetizada na idéia de um *trabalho de ‘abstrair’*. Os amigos que tomam juntos aconselham-se uns aos outros ora a “esquecer que tomou e deixar vir” ora a “acreditar no E que ele vem” – e isto porque acredita-se que uma ansiedade muito aguçada terá no corpo um efeito de “trava”. O ingresso no portal-substância inclui, assim, um necessário afrouxamento do controle no momento que imediatamente se segue à ingestão. Esta é a hora em que o corpo deve saber fazer-se *paciente*, cedendo o posto de protagonista para a substância: é ela quem irá *agir* (GELL, 1998), e isto se fará em um intervalo que varia entre trinta minutos e uma hora, dependendo de quem toma e da qualidade da “bala”.

O diálogo abaixo, entre os amigos André, 24 anos, e Camila, 20 anos, dá a medida de como o *trabalho de abstrair* é tomado como algo de responsabilidade do sujeito: como se tudo o que ele precisasse fazer neste momento da *margem* fosse *controlar o próprio auto-controle*. É interessante notar que uma eventual “falha” neste processo, que venha a fazer com que a onda não aconteça, é atribuída indubitavelmente ao sujeito, e jamais à substância. Esta, segundo Marcela, 20 anos, “Não tem como não sentir. É que nem se você tomar um remédio. Vai fazer efeito, não tem como. Só se a pessoa ficar se travando demais” ou “se a pessoa for fraca, frágil psicologicamente” (Mariana, 21 anos), “pecado” talvez ainda maior nas sociedades do controle, que prezam uma competência formatada nos moldes empresariais (DELEUZE, 1992).

“André: Não depende só da substância, é muito psicológico. Tem gente que toma e não tem onda! Porque não relaxa: ‘Ai, será que já bateu? Estou sentindo alguma coisa, será que já é?’ Tem que esquecer, abstrair!

Camila: Tem gente que não tire o olho do relógio, esperando os quarenta minutos.

A: Isso todo mundo faz, não adianta que todo mundo faz! Mas você tem que esquecer!

C: Eu abstraio, vou fumar um ali...

A: Você aprende. Abstrair é essencial! Se você não fizer isso, sério, não tem onda! A culpa é da pessoa!

C: Por exemplo, se cinco pessoas tomam a mesma bala, em quatro delas bate e em uma não, o problema é da pessoa!”

Uma vez que o ingresso no portal-substância ocorra de modo bem-sucedido, estamos no terreno daquilo que é descrito ora como “fritar” ora como “derreter”, metáforas carregadas de fisicalismo. Os saberes necessários para gerenciar o corpo, aqui, incluem cuidar para que não haja desidratação, bebendo bastante água – “eu calculo, para mim, pelo menos umas dez garrafas por *rave*. Já levo o dinheiro para dez garrafas”, diz Camila, 20 anos –; descansar vez por outra nos espaços *lounge* destinados ao *chill out*; e estar atento e pronto a ajudar caso algum amigo passe mal. Além, é claro, de saber “segurar a onda” e “reagir” caso quem passe mal seja o próprio sujeito.³

Eis o trabalho sensorial dos corpos em festa: conjugar seguidas camadas de saberes, compondo uma memória inscrita na carne. Esta, continuamente acionada, permite que a experiência com as substâncias nunca escape aos contornos do cálculo: nem enfaixada e endurecida, nem tampouco assumindo o aspecto convulsivo e sujo de uma perda de si absolutamente “fora de moda”. O mandamento unísono a nortear todos estes procedimentos é o do corpo feito protagonista, tornado hiper-real e hiper-presente pelo atravessar simultâneo da música, das substâncias, das pessoas e do ambiente. Redenção profana, transcendência materializada, corpo-agente.

Referências Bibliográficas

BATESON, Gregory. “The logical categories of learning and communication”. In: *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine Books, 1985;

BEZERRA JUNIOR, Benilton. “O ocaso da interioridade”. In: BEZERRA JUNIOR, B. e PLASTINO, C. A. (orgs.). *Corpo, afeto e linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2001;

³ Esse “mal-estar” pode incluir, alternadamente, algum “princípio de paranóia” ou “um pânicozinho”, logo redirecionados para pensamentos alegres por amigos zelosos, ou vômitos rápidos, os quais, segundo os relatos “são ótimos, porque aí é que a onda bate mesmo”.

DELEUZE, Gilles. “Post-scriptum: sobre a sociedade de controle”. In: *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992;

DUARTE, Luiz Fernando Dias. “O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna”. In: HEILBORN, M. L. (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999;

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999;

GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998;

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000;

LE BRETON, David. *L'adieu au corps*. Paris: Métailié, 1999;

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996;

ORTEGA, Francisco. “Utopias corporais substituindo utopias sociais: identidades somáticas e marcas corporais na cultura contemporânea”. In: ALMEIDA, M. I. M. e EUGENIO, F. (org.). *Culturas jovens e novas sensibilidades*. (No prelo);